

EDUCAÇÃO

V.12 • N.2 • Publicação Contínua - 2024

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2024v12n2p152-164



SÍNTESE REFLEXIVA: EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL EM ENFERMAGEM E SAÚDE NA ÓTICA FREIREANA

REFLECTIVE SYNTHESIS: INTERPROFESSIONAL EDUCATION IN NURSING AND HEALTH FROM FREIREANA'S VIEWPOINT

SÍNTESES REFLEXIVA: EDUCACIÓN INTERPROFESIONAL EN ENFERMERÍA Y SALUD DESDE EL PUNTO DE VISTA FREIREANO

Jean Carlos Müller da Silva Bizarro¹

Jussara Gue Martini²

Dulcinéia Ghizoni Schneider³

RESUMO

Esse manuscrito tem o objetivo de contribuir para a discussão acerca da importância da educação interprofissional na saúde e na enfermagem. Trata-se de uma reflexão teórica com base no Seminário Educação interprofissional em Enfermagem e saúde apresentado na disciplina Educação e Trabalho em saúde e Enfermagem, do Curso de Mestrado em Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Nesse manuscrito são apresentadas reflexões norteadoras que embasam o despontar da educação interprofissional, que vem se destacando em razão de sua capacidade de garantir maior qualidade da atenção à saúde, melhor qualificação dos profissionais e formação mais adequada dos estudantes da área da saúde. Esse modelo de formação possibilita uma interlocução entre os estudantes de diferentes áreas de conhecimento, com benefícios factíveis no que concerne à formação crítico-reflexiva, aos moldes da educação libertadora proposta por Freire. Urge a necessidade de se falar mais sobre, e de se efetivar, a implementação da educação interprofissional, para que se possa trabalhar de forma interprofissional. O desenvolvimento do manuscrito está organizado em duas categorias: Reflexões norteadoras para a necessidade da educação interprofissional em saúde; Fortalezas da educação interprofissional em saúde. É necessária uma grande articulação nas ações realizadas no âmbito do processo de formação dos profissionais de saúde, com a clara intenção de se desenvolver a colaboração nas profissões de saúde, e assim melhorar a qualificação profissional para o cuidado, bem como, melhorar a segurança do cuidado executado, e promover maior integração entre a equipe de saúde.

PALAVRAS-CHAVES

Educação interprofissional. Enfermagem. Saúde.

ABSTRACT

This manuscript aims to contribute to the discussion about the importance of interprofessional education in health and nursing. This is a theoretical reflection based on the Interprofessional Education in Nursing and Health Seminar presented in the discipline Education and Work in Health and Nursing, from the Master's Degree Course in Nursing of the Postgraduate Program in Nursing at the Federal University of Santa Catarina. In this manuscript, guiding reflections are presented that support the emergence of interprofessional education, which has been highlighted due to its ability to ensure better quality of health care, better qualification of professionals and more adequate training of students in the health area. This training model enables a dialogue between students from different areas of knowledge, with feasible benefits in terms of critical-reflective training, in line with the liberating education proposed by Freire. There is an urgent need to talk more about, and to put into effect, the implementation of interprofessional education, so that we can work in an interprofessional way. The development of the manuscript is organized into two categories: Guiding reflections on the need for interprofessional health education; Strengths of interprofessional health education. Great articulation is needed in the actions carried out in the context of the training process of health professionals, with the clear intention of developing collaboration in the health professions, and thus improving the professional qualification for care, as well as improving the safety of the performed care, and promote greater integration between the health team.

KEYWORDS

Interprofessional Education; Nursing; health.

RESUMEN

Este manuscrito tiene como objetivo contribuir a la discusión sobre la importancia de la educación interprofesional en salud y enfermería. Se trata de una reflexión teórica basada en el Seminario de Educación Interprofesional en Enfermería y Salud presentado en la disciplina Educación y Trabajo en Salud y Enfermería, de la Maestría en Enfermería del Programa de Posgrado en Enfermería de la Universidad Federal de Santa Catarina. En este manuscrito se presentan reflexiones orientadoras que apoyan el surgimiento de la educación interprofesional, la cual se ha destacado por su capacidad

para asegurar una mejor calidad de la atención en salud, una mejor calificación de los profesionales y una formación más adecuada de los estudiantes en el área de la salud. Este modelo de formación permite un diálogo entre estudiantes de diferentes áreas de conocimiento, con beneficios viables en términos de formación crítico-reflexiva, en línea con la educación liberadora propuesta por Freire. Hay una necesidad urgente de hablar más y de poner en práctica la implementación de la educación interprofesional, para que podamos trabajar de manera interprofesional. El desarrollo del manuscrito se organiza en dos categorías: Reflexiones orientadoras sobre la necesidad de una educación sanitaria interprofesional; Fortalezas de la educación en salud interprofesional. Es necesaria una gran articulación en las acciones que se llevan a cabo en el contexto del proceso de formación de los profesionales de la salud, con la clara intención de desarrollar la colaboración en las profesiones de la salud, y así mejorar la calificación profesional para el cuidado, así como mejorar la seguridad de los cuidados desempeñados y promover una mayor integración entre el equipo de salud.

DESCRIPTORES

Educación interprofesional. Enfermería. Salud.

1 INTRODUÇÃO

A educação interprofissional vem se destacando ao longo dos últimos anos em razão de sua capacidade de garantir maior qualidade da atenção à saúde, melhor qualificação dos profissionais e formação mais adequada dos estudantes da área da saúde (Batista, 2012; Etchetto, 2019). Esse modelo de formação possibilita que haja uma interlocução entre os estudantes de diferentes áreas de conhecimento, com benefícios factíveis no que concerne à tão falada formação crítico-reflexiva.

O processo de formação dos profissionais da área de saúde ainda se apresenta bastante fragmentado, onde cada curso segue seu currículo próprio sem que haja uma interação efetiva entre os estudantes das diferentes áreas de conhecimento (Almeida; Silva, 2019). Mas como se pode falar em atuação interdisciplinar, e em educação interprofissional, quando o que se tem na realidade é um modelo fragmentado, com cada curso dentro do seu espaço individualizado?

A globalização trouxe consigo muitas transformações e avanços tecnológicos ampliando o acesso ao conhecimento e informação. Por mais que as transformações tecnológicas insurjam avanços no acesso à informação e facilitem a vida da humanidade, paira a preocupação com a cada vez menos frequente interação humana. Com os processos cada vez mais tecnológicos, cria-se um certo distanciamento entre as pessoas, que ao mesmo tempo em que se aproximam pelas tecnologias, se distanciam nas relações interpessoais pela falta de interação, motivados pelo automatismo dos processos robotizados (Khalili *et al.*, 2019; Ferla *et al.*, 2021). Quando se soma a isso um contexto pandêmico que impõe a necessidade do distanciamento social, como o vivenciado pela COVID-19, o problema só se agrava.

Frente a situação apresentada fica a dúvida: como mudar essa realidade? Como integrar as diferentes profissões? A resposta é bastante simples, mas o caminho é desafiador e ao mesmo tempo complexo. O primeiro passo é difundir o entendimento do termo educação interprofissional, e a partir disso, implementar esse modelo de formação nas diversas instituições de ensino, responsáveis pela formação dos futuros profissionais de saúde. Assim como também, estimular sua implementação nos locais de inserção dos profissionais já formados. Em nada adianta formar novos profissionais alinhados à educação interprofissional e permanecer com profissionais já formados na perspectiva da individualidade das profissões.

Ainda é incipiente a implementação da educação interprofissional no Brasil. Foi a partir de 2017 que a Organização Panamericana de Saúde juntamente com a Organização Mundial da Saúde (OMS) elaborou um plano de ação para implementação da educação interprofissional nas Américas. Houve uma participação ativa de representantes do Ministério da Saúde, Ministério da Educação e de Instituições de Ensino Superior, e dessa discussão saíram propostas para efetivar a educação interprofissional nas Políticas Nacionais de Educação e de Saúde (Costa *et al.*, 2018; Gontijo *et al.*, 2019).

A dinamicidade e a complexidade das necessidades e dos problemas vivenciados pela sociedade impõem desafios na formação e atuação dos profissionais de saúde, para que esses estejam melhor preparados para enfrentar as diversidades apresentadas nos diferentes contextos laborais. E o caminho mais fácil está na articulação do saber para otimização do fazer. É necessário aprender juntos para trabalhar juntos.

Desse modo, urge a necessidade de se falar mais sobre, e de se efetivar, a implementação da educação interprofissional nos processos de formação, para que se possa trabalhar de forma interprofissional. E nesse contexto, esse manuscrito tem o objetivo de contribuir para a discussão acerca da importância da educação interprofissional na saúde e, em especial, na enfermagem. A importância desse estudo justifica-se pela necessidade de se fomentar reflexões que fortaleçam a educação interprofissional e os benefícios oriundos de sua implementação, promovendo novas formas de aprender coletivamente.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma reflexão teórica com base no Seminário Educação Interprofissional em Enfermagem e Saúde apresentado na disciplina Educação e Trabalho em saúde e Enfermagem, do Curso de Mestrado acadêmico em Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Buscou-se, a partir de uma revisão narrativa de literatura, discutir estudos no campo da educação interprofissional que contemplem a temática voltada para o campo da saúde e enfermagem.

A revisão de literatura narrativa possibilita uma análise qualitativa através de exploração livre e ampla de uma temática a ser melhor compreendida, uma vez que não exige um protocolo rigoroso de busca, o que pode contribuir para a busca de informações, em especial quando se trata de temas ainda pouco explorados no contexto científico, favorecendo o estado da arte. A síntese de conheci-

mentos oriundos da descrição de temas abrangentes contribui para a identificação de lacunas de conhecimento, subsidiando a realização de novas pesquisas (Rotther, 2007).

Apesar de ser possível aplicar um rigor metodológico e sistemático nos mecanismos de buscas, não se pode descartar o fato de que há interferência do pesquisador na seleção dos estudos, inferindo uma subjetividade, e por essa razão, não é uma boa opção para estudos com temas bastante explorados (Rotther, 2007).

Desse modo, realizou-se busca de estudos que abordam a temática educação interprofissional no Brasil, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), disponível na Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO). Utilizou-se como termos delimitadores de busca: “educação interprofissional” AND “enfermagem”, sem delimitar temporalidade, uma vez que trata-se de temática incipiente no Brasil.

Após a busca, realizou-se a identificação e fichamento dos estudos, mapeamento e análise a partir dos resumos disponíveis. Foram selecionados para essa revisão narrativa os artigos que abordavam a temática interprofissional e que foram realizados no Brasil. Foram encontrados 30 artigos na LILACS, sendo 9 excluídos por não atenderem aos critérios de seleção; e 18 artigos no SciELO, sendo 3 excluídos por atenderem aos critérios de seleção. Resultando assim, em 36 artigos disponíveis para a construção desta revisão narrativa.

3 DESENVOLVIMENTO

Para promover uma discussão mais fluida e envolvente o texto foi organizado em duas categorias: Reflexões norteadoras para a necessidade da educação interprofissional em saúde; e Fortalezas da educação interprofissional em saúde.

3.1 REFLEXÕES NORTEADORAS PARA A NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL EM SAÚDE

O aumento das doenças crônicas não transmissíveis demanda dos profissionais de saúde novas ações para o controle e tratamento dessas doenças (Silva *et al.*, 2015; Reeves, 2016). Esse evento torna imperativa a necessidade de uma atuação conjunta e colaborativa entre os diferentes profissionais de saúde que atuam nos sistemas de saúde brasileiro, sejam eles públicos ou privados. Para que essa atuação ocorra é necessário colocar em prática a interprofissionalidade desde os processos de formação dos futuros profissionais, para que se formem já habituados a trabalhar de forma interprofissional.

O processo de urbanização da população, que cada vez mais busca por melhores condições de vida, impõe uma maior procura pelos serviços de saúde e, conseqüentemente, uma maior demanda por atendimento multiprofissional. As condições sanitárias precárias, os novos riscos infecciosos com surgimentos de novos vírus, os riscos ambientais e comportamentais pela migração da população de forma desequilibrada impõem a necessidade da mobilização de diferentes profissionais de saúde para atuação efetiva no controle da propagação de doenças e, principalmente, promoção de saúde (Reeves,

2016; Costa et al, 2018). Contudo, para isso é necessária uma atuação interprofissional. Mas como os profissionais saberão trabalhar de forma interprofissional se a formação ocorre de forma separada?

Numa rápida observação e reflexão de nossas dinâmicas de trabalho perceberemos as mudanças nas demandas de atendimento, nas mudanças relacionadas às necessidades de conhecimentos e, principalmente, as mudanças na necessidade da atuação interprofissional para otimização do cuidado prestado. Mas como será possível alçar essas mudanças sem se modificar os modelos de formação atuais?

Há uma articulação conjunta e colaborativa do Estado, de profissionais de saúde, da sociedade e das instituições formadoras na garantia do acesso à saúde. Desde o surgimento do Sistema Único de Saúde (SUS) se tem essa preocupação com o acesso aos serviços de saúde, bem como com o processo de formação dos recursos humanos para o SUS, conforme prevê a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 196 (Michel *et al.*, 2019; Ferla *et al.*, 2021). Mas será que essa preocupação vai além do papel? Será que essa preocupação se concretiza nas ações e nos processos de formação? Ainda está longínqua a realidade condizente com a teoria. Para que se possa fortalecer o modelo de cuidado é necessário fortalecer o processo de formação, e para isso, se faz necessário implementar e universalizar a formação interprofissional, onde se aprende para apoiar a aprendizagem do outro.

Na área da saúde existem algumas especificidades, que de alguma maneira, podem prejudicar o processo de aprendizagem e atuação profissional, como a divisão de trabalho que se confunde em desarticulação do trabalho (Costa *et al.*, 2018; Etchetto, 2019). É inegável que cada profissão tenha sua área própria de conhecimento, todavia, isso não significa que a formação e atuação profissional tenham que ser desarticuladas. É necessário aprender a dividir juntos! Temos a necessidade de trabalhar juntos, mas nos formamos de forma separada. Como superar essa incongruência?

Ainda há uma marginalização da importância dos cuidados de enfermagem, primeiramente, porque o produto do trabalho é consumido no mesmo momento em que é produzido, o que não o torna “visível”, por não ser muitas vezes palpável. Em segundo lugar, o processo de trabalho em equipe é fragilizado pela falta de integração e comunicação efetiva entre os profissionais, o que resulta em desconhecimento do que se faz em uma ou outra profissão (Costa *et al.*, 2018; Etchetto, 2019; Ferla, 2021). Confunde-se atuação interprofissional com o fato de estarem as diferentes profissões dentro de um mesmo espaço, mas é necessário mais que isso, precisa-se além de dividir o mesmo espaço, dividir os conhecimentos pela aprendizagem conjunta e colaborativa.

É necessário refletir sobre como está nossa dinâmica de trabalho no cuidado em saúde para que possamos identificar fragilidades e potencialidades, e a partir disso estabelecer as melhores estratégias para manter aquilo que é potencialidade e melhorar aquilo que é fragilidade. E é bem provável que entre uma das fragilidades encontremos a falta de trabalho em equipe. Estamos habituados a dividir os mesmos espaços físicos, mas sem dividir o espaço de saberes para o aprimoramento do fazer. Urge a necessidade de aprimorar o trabalho em equipe desde os processos de formação, e o caminho para isso é a educação interprofissional.

Precisamos repensar o modo como ensinamos e aprendemos em nossas formações. Muitas vezes, o modelo de formação empregado não contempla, tampouco estimula, o trabalho em equipe. Destarte, nosso processo de trabalho, pautado na fragmentação e superespecialização, legítima e estimula a desarticulação do trabalho em equipe. E é necessário refletir sobre os prejuízos que isso traz para o cuida-

do, tanto para quem é cuidado, quanto para quem cuida. Pois quem é cuidado recebe uma assistência fragmentada, desvinculada do modelo da integralidade do cuidado. Já quem cuida, vivencia a frustração por parte do paciente, que muitas vezes se apresenta descontente com a repetição de questionamentos e ações, pela ausência de comunicação e interprofissionalidade entre os membros da equipe de saúde.

Entre os desafios que vivenciamos na formação profissional em saúde encontramos: a incompatibilidade das competências com as reais necessidades demandadas pelos usuários e serviços de saúde; a limitação das competências para o trabalho em equipe; a predominante ênfase nas habilidades técnicas em detrimento das habilidades sociocognitivas e comportamentais; a dificuldade na análise e compreensão de temáticas mais amplas que demandam um olhar crítico-reflexivo; a persistente fragmentação do trabalho em detrimento da integralidade; a formação orientada para a lógica hospitalar em vez da atenção primária à saúde; os desequilíbrios quali-quantitativos do mercado de trabalho na área da saúde; e a frágil capacidade de liderança para melhora do desempenho (Costa *et al.*, 2018; Etchetto, 2019; Ferla, 2021). Mas, como superar todos esses desafios apresentados?

Há um esforço mundial com o propósito de superar esses desafios apresentados, através da formação interprofissional em saúde, como estratégia política para modificação da lógica assistencial (Khalili *et al.*, 2019; Ferla *et al.*, 2021). É necessária uma maior interação entre as diferentes profissões da área da saúde. Fica evidente a convergência para a educação interprofissional como a melhor ferramenta para otimizar os modelos de formação em saúde e, principalmente, os modos de atuação.

A preocupação com os modelos de formação em saúde fez despontar em 2001 as Diretrizes Curriculares Nacionais, que estabeleceram os caminhos a serem percorridos nos diferentes cursos de formação da área da saúde. Apesar dessa preocupação ainda é utente a lógica do tribalismo das profissões desde a formação até a atuação. Os cenários contemporâneos predispõem à competitividade pela busca de espaço, reconhecimento e status, o que contribui para romper com a lógica colaborativa e interativa (Batista, 2012; Costa *et al.*, 2018; Michel *et al.*, 2019).

A área da saúde é, sem dúvidas, uma das áreas mais complexas no que tange à formação e atuação profissional, uma vez que se trabalha com vidas humanas e não com papeis e objetos. O objeto de trabalho das ciências da saúde é o ser humano, e para que se possa cuidar com êxito desse objeto, o primeiro passo é a interação pessoal. Para tanto, torna-se imperiosa a necessidade da articulação de saberes e práticas para alçar a integralidade do cuidado. Mas, como se pode desenvolver as competências para melhorar a dinâmica do trabalho em equipe? Como promover a aprendizagem conjunta e colaborativa na formação em saúde? Novamente, a solução aponta para a necessidade da implementação da educação interprofissional.

É necessário refletir sobre as vantagens proporcionadas pela aprendizagem compartilhada na formação em saúde, e na atuação, profissional. O compartilhamento de saberes fortalece a segurança para a prática profissional, e conseqüentemente, garante maior segurança do cuidado realizado.

3.2 FORTALEZAS DA EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL EM SAÚDE

O debate sobre a educação interprofissional inicia-se de forma localizada na década de 1960 com um grupo de professores no Reino Unido e ganha força no final da década de 1980, por intermédio de

experts da Organização Mundial da Saúde, com o objetivo de romper o tribalismo existente na formação profissional em saúde (Costa *et al.*, 2018; Gontijo *et al.*, 2019; Ferla *et al.*, 2021).

Percebe-se que a dialogicidade nem sempre está presente no cotidiano laboral, e nem sempre se considera o contexto social dos sujeitos, voltando a prática para o modelo biomédico. É necessário ponderar as condições de vida, como fatores sociais, culturais, econômicos, étnicos-raciais, psicológicos e comportamentais, pois como propõe Paulo Freire (2015), a educação é um processo dialógico, onde ninguém ensina ninguém, os homens se educam entre si, mediados pelo mundo e por intermédio da interlocução das relações.

É cogente o diálogo transformador, respeitando os modos de viver e de construção do conhecimento, pois a educação não é um vazio a ser preenchido, mas um cheio a ser transformado e ressignificado. Deve emergir da necessidade de libertação, e essa libertação tem que partir da própria pessoa, porque ninguém conscientiza ninguém, ninguém liberta ninguém, as próprias pessoas se libertam e se conscientizam a partir do diálogo e das relações interpessoais, as quais a educação interprofissional se propõe, indo assim, ao encontro dos pressupostos Freireanos (Freire, 2015).

Aprender é construir, reconstruir e constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. Aventura essa que, segundo sugere Freire (2015), exige alegria e esperança de que os sujeitos juntos possam aprender, ensinar, inquietar, produzir e resistir aos obstáculos para a libertação da educação, onde a aprendizagem se faça significativa e transformadora. Para tanto, a interprofissionalidade é uma pedra fundamental nesse processo de transformação.

A liberdade traz consigo a possibilidade de erros e acertos. É decidindo que se aprende a decidir. A autonomia se constrói e reconstrói pelas decisões, implicando amadurecimento cotidiano. A autoridade e a liberdade devem interatuar entre si, para que uma não se sobreponha à outra. Assim, não há aquele que seja mais ou menos que o outro, mas sim aqueles que se complementam entre si (Freire, 2015). Não há que se pensar que o médico, por exemplo, seja mais que todos os demais profissionais, quando na verdade todos estão em um mesmo patamar no que concerne à autonomia profissional. Mas a chave para esse entendimento está na educação interprofissional e no logicismo de Freire.

A educação dispensa a neutralidade, pois é a discordância que gera aprendizagem. E para tal, envolve a tomada consciente de decisões, que preferencialmente, devem ser discutidas e construídas coletivamente, tal qual propõe Freire (Costa *et al.*, 2018). Deve-se prezar não pela neutralidade, mas sim pelo respeito recíproco. A educação é a chave das transformações sociais. Torna-se imperativo colocar as possibilidades à frente do determinismo. O discurso não pode ser impositivo, mas sim dialógico, pois na ótica Freireana, são as trocas e as relações que geram conhecimento. E é nesse fado que reside a interprofissionalidade, com sua capacidade de reduzir a distância entre as diferenças, com o saber alicerçado no diálogo e na comunicação.

Não obstante, a educação interprofissional em saúde consolida-se como o caminho para o fortalecimento da lógica colaborativa na dinâmica de trabalho em saúde, se propondo a cumprir objetivos como (Reeves, 2016; Costa *et al.*, 2018; Ferla *et al.*, 2021): redução da duplicação dos atos profissionais de saúde; redução de erros pelo aprimoramento da comunicação; aumento da satisfação dos usuários por estarem expostos a menos atos duplicados; garantia da segurança do paciente pela integração das ações.

Frente aos objetivos propostos, fica evidente a importância desse modelo de formação, não apenas para fortalecer a formação das diferentes categorias profissionais, mas principalmente, para garantir um cuidado de melhor qualidade com a articulação dos saberes e integração do fazer.

É usual ouvirmos expressões como trabalho em equipe; multidisciplinaridade; interdisciplinaridade; transdisciplinaridade; trabalho multiprofissional; e intersetorialidade. Todas essas expressões guardam uma aproximação com o termo educação interprofissional, mas esse termo propriamente dito, ainda é muito incipiente, e por essa razão, ainda não muito conhecido, e por consequência, não implementado nos processos de formação e atuação profissional (Almeida; Silva, 2019).

É pertinente, aprofundar no entendimento de cada um desses conceitos para compreender a lógica da educação interprofissional, e assim, identificar as aproximações e divergências entre cada expressão. A multidisciplinaridade trata de temas comuns em diferentes disciplinas sob uma ótica individualizada, ou seja, estuda-se perto, mas não junto. A transdisciplinaridade traz uma tendência de diálogo nas relações de aprendizagem nas diferentes disciplinas. A interdisciplinaridade busca contrapor a superespecialização, trazendo mais articulação entre as disciplinas, favorecendo a aprendizagem, e é o termo que mais se aproxima da educação interprofissional. O trabalho multiprofissional envolve uma prática de diferentes profissionais, mas não necessariamente articulada e integrada. E a intersetorialidade consiste na integração dos setores (Pires, 1998; Silva *et al.*, 2015; Costa *et al.*, 2018; Michel *et al.*, 2019; Ferla *et al.*, 2021).

Percebe-se entre as diferentes expressões que há alguma aproximação com o propósito da educação interprofissional, sendo o termo interdisciplinar o que mais se aproxima da ideia de interprofissionalidade. O ponto fulcral do surgimento da interprofissionalidade é a dificuldade dos profissionais de saúde em trabalhar em equipe, o que implica na qualidade dos serviços prestados, bem como segurança do paciente.

Assim, o Centro para o Avanço da Educação Interprofissional do Reino Unido (CAIPE) propôs em 2002 a definição de educação interprofissional como a interação entre duas ou mais profissões, que resulta em aprendizagem mútua entre si, e sobre outras profissões, cujo desfecho é a melhora da colaboração e da qualidade dos cuidados prestados aos indivíduos. Esse conceito evidencia a importância da interlocução entre as diferentes profissões desde a formação até a atuação profissional (Barr, 2013; Costa *et al.*, 2018)

Outro conceito que merece destaque é o da fundação canadense *The Canadian Interprofessional Health Collaborative*, proposto em 2010 com a ideia da aprendizagem colaborativa dentro e entre as diferentes disciplinas, para se alcançar conhecimentos, habilidades e valores necessários para trabalhar em equipe. Esse conceito reforça a necessidade da prática colaborativa como ferramenta para fortalecimento da interlocução profissional (Costa *et al.*, 2018).

A fundação americana *Interprofessional Education Collaborative*, em 2011, propôs que a educação interprofissional se dá pela interdisciplinaridade e pelas experiências da realidade laboral, integradas à comunidade para que se possa atender de forma multifacetada as diferentes necessidades dos diferentes indivíduos (Costa *et al.*, 2018).

Apesar de existirem diferentes conceitos de abrangência mundial, todos convergem para o entendimento da necessidade da interlocução no processo de formação e na atuação profissional. A

Organização Mundial da Saúde desde 2010 estimula a implementação da abordagem proposta pela CAIPE como ferramenta de transformação da formação profissional em saúde (Gontijo *et al.*, 2019; Michel *et al.*, 2019; REIP, 2021).

Não resta dúvida que é necessário valorizar a implementação da educação interprofissional para a formação de competências que são demandadas para o efetivo trabalho em equipe, onde a colaboração é o aspecto diferencial do trabalho em saúde. Falar em prática colaborativa é necessário quando se trata da área da saúde, pois não há como executar um cuidado que seja desarticulado, pois o indivíduo é um todo indivisível. As ações precisam ser conjuntas, mas ao mesmo tempo colaborativas.

Para permear a efetiva implementação da educação interprofissional no cenário mundial, a Organização Mundial da Saúde lançou em 2010 o Marco para Ação em Educação e Trabalho Interprofissional, definindo a prática colaborativa como a integralidade da saúde nas ações de cuidado executadas por diferentes profissionais com a mais alta qualidade em todos os níveis de atenção à saúde (Gontijo *et al.*, 2019; REIP, 2021).

A nível de Brasil os avanços na temática datam de 2015 com a realização do I Colóquio Internacional de Educação e Trabalho Interprofissional em Saúde, que ocorreu em Natal. E, em 2016 com a realização do II Colóquio Internacional de Educação e Trabalho Interprofissional em Saúde, em Santos, criou-se a Rede Brasileira de Educação e Trabalho Interprofissional em Saúde (ReBETIS) para fortalecer as ações de implementação da educação interprofissional. Já em 2017, a Organização Pan Americana de Saúde cria a Rede Regional de Educação Interprofissional das Américas (REIP) (Costa *et al.*, 2018; Khalili, 2019; Reip, 2021).

Percebe-se assim, a incipiência dessa discussão no cenário brasileiro, o que possivelmente justifica o desconhecimento desse modelo formativo e sua consequente não implementação nos cenários de formação em saúde.

Para que se possa alcançar a tão almejada interprofissionalidade pode-se recorrer a diferentes ferramentas, como: seminários integrados; observações da atuação laboral entre as diferentes categorias profissionais; aprendizagem colaborativa baseada em problemas; simulações clínicas com abordagem interprofissional; e discussões de práticas clínicas sob diferentes olhares e percepções (Costa *et al.*, 2018). Não importa aqui qual a ferramenta a ser utilizada, mas sim a intencionalidade e disponibilidade para a efetiva implementação da educação interprofissional tanto nos centros de formação em saúde quanto nos cenários de cuidado.

Percebe-se que são diversos os métodos possíveis para se promover a interprofissionalidade tanto nos processos formativos quanto nas atividades laborais. Mas muito mais importante que os métodos é a disposição para a mudança. Urge a necessidade de se mudar o modo de pensar e agir no campo da saúde. Os processos de saúde e doença são dinâmicos e a formação profissional precisa acompanhar essa dinamicidade para atender às reais necessidades de saúde da população. O saber e o fazer articulado e integrado precisam prevalecer.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo atual há um crescente volume de informações científicas envolvendo a formação em saúde e em enfermagem. Contudo, as reflexões acerca da educação interprofissional em saúde apresentados nesse manuscrito, nos mostram a escassez de estudos científicos abordando a educação interprofissional em enfermagem e a importância de exercer uma educação transformadora, colaborativa e integrada entre as diferentes áreas do conhecimento. Devemos sair da neutralidade e do comodismo ao qual estamos habituados, para de fato, promovermos e implementarmos a educação interprofissional em saúde.

É necessária uma grande articulação nas ações realizadas no âmbito do processo de formação dos profissionais de saúde, com a clara intenção de se desenvolver a colaboração nas profissões de saúde, e assim melhorar a qualificação profissional para o cuidado, bem como, melhorar a segurança do cuidado executado, e promover maior integração entre a equipe de saúde.

Não obstante, para mudar é necessário coragem e disposição. Envolve desafios constantes, estando aberto às novas possibilidades que se desvelam. Mudar é correr riscos, mas são os riscos que nos permitem sair da chamada zona de conforto e experimentar novas virtudes, novas abordagens de aprendizagem e novos métodos de cuidado. Os achados convergem para a necessidade mais estudos nessa temática, com vistas a preencher as lacunas existentes nesse campo de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.G. S.; SILVA, C. B. G. A educação interprofissional e os avanços do Brasil. **Rev Latino-Americana de Enfermagem**, v. 27, p. e3152, 2019.

BARR, H. Toward a theoretical framework for interprofessional education. **J Interprof Care**, v. 27, n. 1, p. 4-9, jan. 2013.

BATISTA, N. A. Educação interprofissional em saúde: concepções e práticas. **Caderno FNEPAS**, v. 2, p. 25-8, jan. 2012.

COSTA, M. V.; PEDRUZZI, M.; FREIRE FILHO, J. R.; SILVA, C. B. G. **Educação Interprofissional em Saúde**, Natal: SEDIS-UFRN, 2018.

ETCHETTO, M. P. Relevancia de la educación interprofissional para enfermeira. **Rev Iberoamericana de educación e investigación em enfermería**, v. 9, n. 1, p. 4-7, 2019.

FERLA, A. A. et al (org.). **Diálogos interprofissionais sobre a formação na saúde**: Catálogo da primeira temporada. Porto Alegre: Rede Unida, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GONTIJO, E. D.; FREIRE FILHO, J. R.; FORSTER, A. C. Educação interprofissional em saúde: abordagem na perspectiva de recomendações internacionais. **Cadernos do cuidado**, v. 3, n. 2, 2019.

KHALILI, H. *et al.* **Orientação para a educação interprofissional global e pesquisa sobre a prática colaborativa**: documento de trabalho, 2019. Disponível em: www.research.interprofissional.global. Acesso em: 1 fev. 2023.

MICHEL, C.; OLSSON, T. O.; TOASSI, R. F. C. Educação interprofissional em saúde: análise bibliométrica da produção científica nacional. **Rev da ABENO**, v. 19, n. 4, p. 78-90, 2019.

PIRES, M. F. C. Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino. **Interface**, Botucatu, v. 2, n. 2, fev., 1998.

REDE Regional de Educação Interprofissional das Américas. **Diretrizes da REIP**. Disponível em: <https://www.educacioninterprofesional.org/pt/diretrizes-da-reip>. Acesso em: 1 fev. 2023.

REEVES, S. Porque precisamos da educação interprofissional para um cuidado efetivo e seguro. **Interface**, Botucatu, v. 20, n. 56, p. 185-96, 2016.

SILVA, J. A. M.; PEDRUZZI, M.; ORCHARD, C.; LEONELLO, V. M. Educação interprofissional e prática colaborativa na Atenção Primária à Saúde. **Rev Esc Enferm USP**, v. 49 (esp2), p. 16-24, 2015.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. V-VI, 2007.

Recebido em: 2 de Setembro de 2021

Avaliado em: 23 de Março de 2024

Aceito em: 20 de Maio de 2024

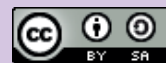


A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Mestre e Doutorando em Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina; Enfermeiro. Laboratório de Pesquisa e Tecnologia em Educação em Enfermagem e Saúde – EdEn/UFSC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8971-8320>. E-mail: enf.jeanbizarro@gmail.com

2 Doutora em Educação; Enfermeira; Professora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; Laboratório de Pesquisa e Tecnologia em Educação em Enfermagem e Saúde – EdEn/UFSC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2629-293X>. E-mail: jussara.martini@ufsc.br

3 Doutora em Enfermagem; Enfermeira; Professora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; Laboratório de Pesquisa e Tecnologia em Educação em Enfermagem e Saúde – EdEn/UFSC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4842-2187>. E-mail: dulcineia.schneider@ufsc.br



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA

